

## **COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS: A INCLUSÃO ATRÁS DOS MUROS**

Autor: Amanda Figueiredo Marcello    Co-autor: Felipe Vieira da Silva Amaral

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

### **INTRODUÇÃO**

O percurso da graduação a todo momento nos traz a angústia e a curiosidade de como é de fato, a prática pedagógica cotidiana. Principalmente, na educação inclusiva. Uma educação para todos, que respeite o outro e valorize suas potencialidades, permitindo o crescimento pessoal, social e profissional. Pelo menos, na teoria.

Partindo dessa curiosidade, ainda como alunos da graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, buscamos o estágio em escolas regulares que começavam o processo de inclusão no ano de 2015. Uma escola particular que recebia seu primeiro aluno diagnosticado com transtorno do espectro do autismo, na educação infantil e uma escola pública municipal que desde o início do ano tentava se adaptar ao seu aluno do 1º ano do ensino fundamental, também com transtorno do espectro do autismo. Duas escolas em bairros distantes um do outro e que atendiam comunidades completamente diferentes. Porém, em muitos momentos apresentavam as mesmas dúvidas e dificuldades no processo de inclusão e ensino-aprendizagem. Tais dificuldades nos fizeram refletir a função da escola na construção do sujeito, no que ele é e no que virá a ser. Nas suas relações com o outro, com o mundo a sua volta e a importância do preparo profissional docente para guiar esse aluno e estimulá-lo as descobertas de tudo que apesar da deficiência ou que por ela, ele pode sim fazer.

De acordo com Carvalho (1999) o dever do professor é pensar em seus alunos como seres em processo e que a todo momento se desenvolvem, vivenciando as descobertas de forma diferente um do outro. A sua maneira, com seus limites e anseios. Partimos desse princípio para guiar nossa pesquisa sobre as realidades que vivenciamos durante 6 meses e entender questões transcendem a universidade.

Segundo a Política Nacional da educação especial na Perspectiva da educação inclusiva e o Censo escolar/2006 as matrículas em escolas regulares de alunos incluídos obtiveram o crescimento de

640% passando de 43.923 alunos incluídos em 1998, para 325.316 até o ano de 2006. Essa demonstração em porcentagem, deixa claro a mudança que vem ocorrendo com o passar dos anos em nossa sociedade, que começa em pequenos passos a olhar para o outro e entender a necessidade de uma escola ampla, capaz de perceber e se articular em benefício as necessidades de toda a comunidade escolar.

O pensamento social vai mudando e é dever da escola acompanhar e estimular esse processo. Nessa caminhada é importante entender que não há idade para a inclusão, o aluno pode ser incluído ainda no ensino infantil e possui os mesmos direitos ao lúdico, ao saber científico, aos estímulos emocionais, cognitivos e psicomotores, as relações interpessoais e aos diferentes meios de comunicação como qualquer outra criança. Além disso, possui também o direito a frequentar as salas de recurso, onde é realizado um trabalho especializado e específico. No município do Rio de Janeiro, todos os alunos incluídos possuem direito a um acompanhante, ou melhor, um mediador que auxilie o professor na adaptação do conteúdo e na sua execução. Porém, esse cargo vem sendo ocupado por estagiários do Ensino Superior, a maioria do curso de Pedagogia. Na escola municipal em que realizamos nosso trabalho, haviam estagiários do curso de administração e biologia que relataram se sentir perdidos, pois não receberam nenhum tipo de preparo para realizar a função e sem saber o que fazer, não faziam. Se tornaram “cuidadores”.

Deixamos aqui perguntas, com a ideia de provocar uma indagação pessoal a cada leitor. Não prometemos responder fielmente a cada uma delas, mas refletir cuidadosamente tais questões.

É possível haver inclusão sem mediação?

Seria possível incluir sem profissionais capacitados?

O que é realmente a inclusão?

## **OBJETIVOS**

Nosso objetivo com esse estudo é refletir sobre a realidade das questões que aprendemos durante a graduação. Levantando nossas inquietações e buscando conhecer o processo de ensino-aprendizagem, a infraestrutura e o preparo profissional. Propondo um diálogo entre realidade e teoria, analisando as necessidades sociais da comunidade em torno da escola e identificando as dificuldades encontradas pelos profissionais no interior das instituições.

## **CUIDAR X EDUCAR**

*“Uma coragem que não nega o desespero, mas que leva o homem adiante, apesar do desespero”  
(MAY, 1992)*

De acordo com as Orientações Curriculares para a educação infantil do município do Rio de Janeiro, cuidar e educar são dois termos e ações indissociáveis. Acreditam ser impossível educar, sem o cuidado. Porém, em sua prática na educação inclusiva o educar muitas vezes é esquecido.

A maior semelhança entre as duas escolas observadas se fixou no tratamento oferecido aos seus alunos, na escola privada Matheus<sup>1</sup> com apenas 4 anos, possuía todas as suas necessidades físicas atendidas rapidamente, enquanto era mantido a distância do processo de ensino. Ele estava na turma, porém não fazia parte dela. Enquanto, os outros alunos pintavam, Matheus esperava sozinho a sua vez. Os outros começavam a escrever as iniciais de seus nomes e de acordo com a professora, Matheus ainda não conseguia se manter sentado na roda de conversa para aprender. Ou, era um dia difícil, a turma estava agitada, não poderia dar conta sozinha de ensinar a todos (?).

Era o primeiro ano em que a escola recebia um aluno incluído, Matheus não possuía um mediador e quando levantamos isso em uma reunião com a administração da instituição, fomos informados que os pais não poderiam pagar e que a escola não oferecia esse serviço. Também, não ofereciam uma sala de recurso e nenhum tipo de assistência específica ao aluno.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a escola possui o dever de assegurar que a inclusão aconteça e de dar todo o suporte ao lado da família para o desenvolvimento de seus alunos. Para autores sociointeracionistas como Vygotsky, esse desenvolvimento só se torna possível quando o aluno consegue se relacionar com o meio e com o outro. Para essa relação de fato acontecer, é necessário um mediador. Mas, se o professor não consegue mediar essas relações e o conflito gerado por elas. A escola não pode disponibilizar outro profissional e a família não possui condições. Essa criança se torna responsabilidade de quem?

*Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagem, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de*

---

<sup>1</sup> Nome Fictício

*vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação. (Moita, 1992, p.115)*

Já na escola pública municipal, Lucas<sup>2</sup> possuía uma estagiária que apesar das dificuldades o acompanhava durante todo o momento em sala de aula e fora dela. Supria suas necessidades físicas, brincava e o ajudava a realizar os exercícios passados pela professora. Com o pouco que sabia, não conseguia adaptar os conteúdos e passavam a maior parte do tempo fora da sala. Pois, o aluno muitas vezes agitado, atrapalhava a professora que pedia para ficarem um pouco no parquinho.

As escolas cuidam. Mas, dessa forma, estão elas educando?

Talvez a essência do cuidar e educar, esteja no profissional que está apto para a função e consiga enxergar que não basta ser professor do aluno considerado “normal”, que não basta atingir os índices com a maioria, que não basta ter o aluno sentado em sala se não permite que ele se expresse. Sim! É necessário cuidar, mas também é de extrema importância que enxergue o aluno além do diagnóstico. Tudo bem, ele tem um problema. Mas, como conseguiremos vencer? O que ele sabe fazer? O que ele pode? Vamos tentar!

## **A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOCENTE**

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”  
(Paulo Freire)

Durante a conversa com as professoras, foi possível compreender suas dificuldades e perceber que elas realmente não sabiam como deveriam agir. As duas formadas no ensino superior, uma em letras e a outra em pedagogia, pouco estudaram sobre o assunto. Em uma reunião, uma delas relatou que em sua graduação poucas matérias sobre a temática de educação inclusiva foram oferecidas e que a escola não dava nenhum apoio para que buscassem conhecimento.

Goffman (1988) e Glat (1998) afirmam que o despreparo e a falta de conhecimento dos profissionais da educação estão ligados a formação ou capacitação recebida. É importante termos

---

<sup>2</sup> Nome fictício

em mente, que incluir sem preparar o professor, é excluir. A inclusão só ocorre quando toda a comunidade escolar caminha na mesma direção.

A formação precisa incentivar os profissionais a refletirem e enxergar o melhor de seus alunos. Procurando sempre alternativas para uma educação sem barreiras e sem o estigma da exclusão. Para isso, é necessário um trabalho colaborativo das universidades que comecem a partir do início da graduação a trabalhar a conscientização, a ter disciplinas que estimulem o futuro profissional a enxergar que não vai ser fácil o caminhar, mas que é preciso lutar e fazer o seu melhor, para não ser apenas mais um professor que deixe seus alunos de lado. Mas, o professor que os estimule a ser melhores.

Conforme as autoras Schirmer, Walter e Nunes (2011):

*Compreendemos que a formação inicial não se trata de um repasse de um saber fora de sala de aula, e sim de uma possibilidade de rever a escola/prática educativa, e analisar as potencialidades de uma intervenção colaborativa sistemática entre os professores e os pesquisadores.*

De acordo com Freire (1996), educar para a diversidade exige que o professor entenda que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção.

*“[...] não há como mudar práticas de professores sem que os mesmos tenham consciência de suas razões e benefícios, tanto para os alunos, para a escola e para o sistema de ensino quanto para o seu desenvolvimento profissional” (Mantoan, 2006, p. 59)*

A formação continuada deve auxiliar o professor de forma prática em suas atividades simples do cotidiano, mostrando- o seu papel na vida de cada aluno. Incentivando- o por meio de diálogo, debates e demonstrações a buscarem as melhores soluções. A resolverem seus conflitos internos e vencer suas barreiras. Deve ser um suporte sempre presente na vida profissional docente.

Feltrin (2007) afirma que os docentes sempre enfrentaram dificuldades, tanto em sua formação acadêmica, quanto após formado ao tentar se atualizar. Porém, em todas as discussões sobre o tema, é importante manter viva a ideia de que o professor não pode desistir de seus alunos e que por isso é necessária a busca constante de conhecimento, de uma união entre a prática e a teoria. Ainda

segundo Fávero (2009) é importante repensar e resignificar a própria concepção de educador. Ou seja, entender que educação vai além e que o professor deve sempre se manter aberto às transformações necessárias.

A partir dessas pesquisas, entendemos que ao incluir um aluno com necessidades educacionais especiais, uma escola também assume a responsabilidade de dar o suporte necessário aos seus profissionais, para que os mesmos busquem conhecimento e se preparem para aplicar os procedimentos adaptados necessários a cada aluno. A escola necessita ser a mediação entre o aluno e a sociedade. Trabalhando com uma vertente de ensino colaborativo entre seus profissionais, as famílias e os próprios alunos.

## **O CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

“Não existiu antes de nós alguém que experimentou um Brasil democrático para nos ensinar o que é democracia. Estamos tentando construir algo que não existiu antes de nós. Nosso país tem quinhentos anos de história de negação da democracia. O máximo que a nossa geração pode fazer é preparar a geração que vai construí-la e, no bojo desse processo de construção, está a educação inclusiva”.

(Agamenon José Siqueira)

Nossas pesquisas nos levaram a perceber que há muito pouco material que discuta o assunto na perspectiva de uma educação que atenda aos alunos considerados “normais” e aos alunos com necessidades educacionais especiais concomitantemente. Ainda no início de nossa graduação, um professor um dia disse que o currículo é a base do controle social e ele seria o determinante para a formação da sociedade como ela é. Ou seja, “as escolas não foram necessariamente construídas para ampliar ou preservar o capital cultural de classes ou comunidades que não fossem as dos segmentos mais poderosos da população”. (APPLE, 2002, p. 101).

Percebemos a partir disso, que o currículo segrega os alunos considerados “bons” e os “ruins”, excluindo os alunos que por qualquer motivo não acompanha os padrões. Se tornando um projeto político que aos poucos vai se transformando.

Em 1994 a UNESCO traz como princípio fundamental das escolas permitir e facilitar que todos os seus alunos aprendam juntos, sempre que possível, independente das dificuldades e diferenças.

Sendo assim, não existe aluno melhor ou pior que o outro, todos devem aprender e para isso se torna possível a utilização de todo e qualquer recurso facilitador.

O currículo deixa de ser um padrão onde as crianças se adaptavam a ele ou não e se torna algo flexível que deve se adaptar ao aluno. Assim, de acordo com Glat (2007) a educação inclusiva se torna um novo modelo de escola onde é possível o acesso e permanência de todos, substituindo o modelo de seleção e discriminação por procedimentos que removam as barreiras e tornem possível uma aprendizagem significativa e de qualidade.

De acordo com os Parâmetros Curriculares para a educação inclusiva:

*Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante.*

Dessa forma, permitir que o currículo seja adaptado significa possibilitar que artifícios sejam utilizados para vencer as dificuldades de aprendizagem, para que cada aluno possua suas necessidades pedagógicas supridas. É esquecer os padrões e ensinar do jeito que o aluno consegue aprender. Ensinar o que realmente é importante para o aluno saber. Almeida (2003) em sua tese cita Mantoan (1998) ao dizer que “não se adapta um currículo, tendo como desculpa a incapacidade de alguns, mas a capacidade diversificada de cada um dos alunos, para enfrentar as exigências da escola, capacidade essa que não é medida por testes, ou definida por objetivos específicos para este ou aquele, individualmente, mas apreciada a posteriori, pelo produto da aprendizagem de cada um. Porque é o aluno que adapta os seus esquemas de ação e suas estruturas de conhecimento às tarefas de aprendizagem. E essas adaptações é que precisam ser aceitas pelo professor, como respostas ativas e particulares de cada aluno, às solicitações gerais do meio escolar. ”

Ou seja, adaptar o currículo é pensar no outro e esse pensamento é o que define o futuro da sociedade.



## A CONSTRUÇÃO POLÍTICA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

*“A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” (Nelson Mandela)*

Pensar na formação social do sujeito, é pensar na transformação de toda uma sociedade que possui como base a educação. Uma tarefa árdua que de acordo com Freire (1996) exige compreender que educação é uma forma de intervenção no mundo.

É necessário pensar em que sujeito desejamos formar e não apenas aceitar, mas respeitar a diferença e oportunizar o desenvolvimento de um cidadão capaz. Essa reflexão deve fazer parte do cotidiano de todos os alunos. O aluno incluído possui por direito vivenciar as mesmas experiências escolares que todos os outros alunos.

Lutando para construir um modelo ideal de escola, que sirva de estímulo e consiga levar os alunos a questionarem. Onde a diferença, seja uma qualidade. Uma escola onde um aluno incluído não fique do lado de fora da sala para não atrapalhar, mas que seja estimulado a participar. Onde todos os alunos possam pintar, ou sentar em roda juntos e brincar sem a diferenciação do que é ou não capaz. Respeitando o tempo de cada aluno, numa perspectiva social que vá na contramão do processo padronizado de exclusão, que não seja novidade um aluno incluído. Mas, se faça em prática uma escola para todos. Uma escola sempre em movimento, se transformando e se adaptando as realidades de sua comunidade.

A inclusão não ocorre sozinha e não se rompe barreiras sem construir um pensamento capaz de unir pessoas em prol do mesmo ideal. De acordo com Gonçalves, Vianna e Santos (2009) o aluno quando chega a escola, não encontra apenas a sala de aula como espaço de aprendizagem. Dessa forma, não adianta apenas o mediador está preparado. Toda a escola deve deixar clara a sua proposta inclusiva, mobilizando a todos para que a inclusão ocorra.

De acordo com Libâneo (2001):



*(...) a escola precisa assumir que também é seu papel ensinar valores e atitudes, sob o ponto de vista de um comportamento ético, no que se refere à vida, ao ambiente e às relações humanas. Assim o professor precisa apresentar um esforço contínuo no exercício da docência sem preconceitos*

## **CONCLUSÃO**

Acompanhar o processo de inclusão dos meninos, não respondeu nenhuma de nossas perguntas. Mas, nos mostrou escolas que aos poucos começam a compreender a importância da inclusão e profissionais que apesar de perdidos, possuíam o interesse de aprender. Em um relato, a professora da escola regular admitiu se sentir “incapaz” e demonstrou a vontade de buscar alternativas que melhorassem sua prática. Em nossas constantes visitas as escolas, percebemos que o processo que na literatura se mostra tão intenso, na realidade escolar está apenas no começo.

A escola municipal, apesar de não possuir sala de recursos e ser uma pequena instituição em uma comunidade de classe baixa, possuía rampas de acesso e uma quantidade vasta de artifícios que poderiam ser usados na construção de materiais adaptados e de tecnologia assistiva de baixo custo. A escola privada que atendia uma classe média alta, em um bairro valorizado do município não possuía nenhum tipo de recurso e adaptação. Quebrando o estigma social de que por ser paga, a escola teria mais acessibilidade.

O resultado dessa experiência nos confrontou com as nossas crenças, mostrando que a educação inclusiva é sim, uma ferramenta de mudança social, dentro e fora da escola. Incluir vai muito além de receber o aluno em sala e os profissionais necessitam iniciar esse processo preparados e como o defendido por Nóvoa em sua passagem pelo Brasil (2016) participarem de uma “casa comum” onde possam discutir e analisar com outros professores e profissionais da educação sua prática docente, pensando sempre no ideal de não apenas construir conhecimento, mas transformar os estudantes. Aprende a aprender e ensinar para mudar. Terminamos o relato ressaltando que é “através dos outros, nos tornamos nós mesmos.” (Vygotsky)

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, D. B. de. **Do especial ao inclusivo? Um estudo da proposta de inclusão escolar da rede estadual de Goiás, no município de Goiânia.** 231f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo.** Porto: Porto, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** MEC;SEEP; 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental.** Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC SEF/SEESP, 1998.62 p.

CARVALHO, R. E. Removendo barreiras para a aprendizagem. In.: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Educação Especial: tendências atuais.** Brasília: SEED, v.9, 1999, p.59-66.

FÁVERO, Osmar et al. (Org.). **Tornar a educação inclusiva.** Brasília: UNESCO, 2009.

FELTRIN, A. E. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença.** 3 ed. São Paulo: Paulinas,2007.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra. 1996, P. 25-116.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão.** *Sette Letras* (Coleção Questões atuais em Educação Especial), Rio de Janeiro, v. I, 2.ed, 1998.

GOFFMAN, E. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, R.B, VIANNA, C.A.F.J, SANTOS, S.B. dos. **Materiais didáticos alternativos para o ensino de ciências a alunos com deficiência visual.** In: Educação Inclusiva, Deficiência e Contexto Social: questões contemporâneas. Brasil: Salvador, p. 99-106, 2009.